

RE-PENSAR O ENSINO DE FILOSOFIA

Jairo Vieira da Silva Junior*

Douglas Giuliani Durigon**

Resumo: O que é educar? O que é filosofia? Todos, desde a tenra idade, temos a capacidade de filosofar? Há de fato uma reciprocidade entre o ensinar e o aprender? São perguntas pertinentes dos nossos dias que buscam constante significação. Vivendo em uma ‘sociedade do provisório’, onde quase tudo é instantâneo e descartável, a Filosofia, que tem como significado etimológico e substancial o ‘amor/amizade pela sabedoria’, não destoando de seus sólidos princípios, ainda vive, com muitas dificuldades, na árdua e perene tarefa do ‘por quê?’ e ‘para quê?’ das coisas e das questões que todo ser tem em comum: ‘quem sou eu?’, ‘de onde vim?’, ‘para aonde vou?’. Independente da época ou circunstância, todo ser humano faz para si mesmo tal questionário. Observando aquilo que se tem como disciplina de filosofia nas escolas de nosso país, levantamos a indagação: qual seria a influência/consequência de um pensamento filosófico dentro da ‘educação igualitária’? É mister a ponderação do ensino de filosofia para que não seja alterada por ideologias que tornem o ser humano um imaturo, sem a capacitação necessária de aprofundar o sentido das coisas e de sua existência, mas que seja livre na busca da maturidade racional.

Palavras-chave: Educação. Filosofia. Consequências. Ideologia. Espírito.

Considerações rudimentares

“Todos os homens, por natureza, tendem ao saber. Sinal disso é o amor pelas sensações” (ARISTÓTELES, *Metafísica*, Livro I, 1, 980^a). Entendendo-se por “homens” não apenas o gênero masculino, mas a raça humana, esta é a frase que inicia a magnânima obra da *Metafísica*, de Aristóteles, na busca por aquilo que é mais além, a essência das coisas e dos seres animados. Tendo feito uma análise de tudo aquilo que os pré e pós socráticos já haviam descoberto, das obras poéticas de Hesíodo e Homero, dos mitos e teatros gregos, o Filósofo, que já tinha conhecimentos específicos de algumas ciências, tais como a medicina, é ainda

* Acadêmico do 5º semestre do Curso de Licenciatura Plena de Filosofia da Faculdade Palotina, FAPAS. E-mail: jairovieirasilva@gmail.com

** Acadêmico do 5º semestre do Curso de Licenciatura Plena de Filosofia da Faculdade Palotina, FAPAS. E-mail: douglasgd@live.com.

hoje um antigo dos mais modernos possíveis, pois suas obras são consultadas com enorme frequência em nossos dias.

Assim como muitos outros filósofos, Aristóteles também foi um educador: ensinou as artes para Alexandre da Macedônia, que anos mais tarde tomaria o Império Grego e toda aquela região, instaurando o Império Macedônico na Europa.

Um pouco antes de tudo isso, temos a figura de Sócrates, o pai da filosofia ocidental. Muitos eram os seus discípulos, apesar de nunca colocar-se na envergadura de mestre ou educador. A pessoa de Sócrates é enigmática. Diferente de seus contemporâneos, ele adota uma nova postura: a de que sabe de que nada sabe. “Só sei que nada sei”, nos diria. Portanto, “conhece-te a ti mesmo”, conclui. Sócrates iniciava uma busca pela compreensão do mundo e do homem. Dentro do dualismo - corpo e alma -, ele contemplava o mundo ideal. No entanto vivia preso no corpo, o cárcere da alma. E concluía que a morte é uma passagem para a imortalidade.

Diante de tudo isso, o que queremos destacar é aquilo que esses dois grandes pensadores ocidentais deixaram tanto a seus seguidores quanto a nós: a busca pela verdade, pela virtude e, especificamente, pela sabedoria. Não foram professores de um *estabelecimento*, mas não deixaram de instruir muitos daqueles que queriam, que tinham esse amor na busca pelo saber.

Milhares de anos passaram e seus ensinamentos permanecem atuais para todos nós. Mas, com o passar dos milhares de anos e, especialmente nos séculos XIX e XX, a educação recebe uma drástica reforma. Há uma profunda mudança paradigmática do “ser” para o “produzir”, uma ideologização puramente pragmática. Se aprofundarmos a questão, veremos que suas sementes são germinadas desde o período do Iluminismo, tendo como “pai reformador” o pensador Jean Jacques Rousseau (1712-1778) ¹. De lá pra cá, a desvalorização do ser ontológico e da metafísica aristotélica são as principais mudanças. Em seu lugar instalam-se as ciências positivistas e o alastramento do pensamento cético.

Séculos depois, deparamo-nos com Karl Marx (1818-1883). Uma de suas frases, a qual fora escrita na lápide de seu túmulo, diz o seguinte: “Os filósofos até agora procuraram interpretar o mundo. Chegou o tempo de transformá-lo” (*Teses sobre Feuerbach*). Isso, em cabeças com *déficit cognitivo*, como as de Stalin (1879-1953), Lênin (1870-1924) e Hitler (1889-1945), provocou sentimentos de revolta com todo o cosmos. Agora era preciso

¹ “No *Emílio*, Rousseau traça o retrato de um aluno imaginário, educado segundo a natureza e protegido da corrupção gerada pela sociedade”. [GRISSAULT, Katy. 50 Autores-chave de filosofia. Editora Vozes. Petrópolis-RJ: 2012]. Rousseau está convicto de que a sociedade corrompe o ser humano.

transformar o mundo, modificá-lo ao nosso gosto; não precisamos mais compreendê-lo. Isso causou guerras, milhões de mortes e perdas irreparáveis. Não há mais aquela admiração, que tinham os antigos, pelas coisas e seres.

No livro da *Metafísica*, Aristóteles afirma: “Foi, com efeito, pela admiração, que os homens começaram pela primeira vez a filosofar e ainda agora filosofam: de início começaram a admirar as coisas que mais facilmente suscitavam dúvida; depois continuaram pouco a pouco até das coisas maiores, como por exemplo, das mudanças da lua e do sol e dos astros e a gênese do universo. Ora, quem duvida e se admira julga ignorar; por isso também quem ama os mitos é, de certa maneira, filósofo, porque o mito resulta do maravilhoso (I, 2; *Os Pensadores*, S. Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 214; *in* ZILLES, 2006, p. 25).

De todos eles, o mais astuto foi Antonio Gramsci (1891-1937). As guerras cessaram, mas a revolução cultural permanece, principalmente pelos meios educacionais, tanto em universidades quanto em escolas públicas e/ou particulares. O “condicionamento pragmático” permanece a todo vapor e a ideologia, mascarada de filosofia - entre outras disciplinas-, é transmitida em grande escala para a alienação de milhares de crianças, adolescentes e jovens estudantes.

Com base em uma análise histórico-filosófica, o artigo tentará orbitar no eixo temático da Filosofia e a Educação, tendo em vista as consequências do pensamento filosófico nas *disciplinas escolares*, a começar pela própria disciplina de filosofia. Com isso nos perguntamos: qual seria a influência/consequência de um pensamento filosófico dentro da ‘educação igualitária’? Assim sendo, iniciamos este artigo.

1 Filosofar/filosofia e a educação

O professor Achhyle Rubin lutou para que o ensino de Filosofia não fosse apenas uma memorização, mas uma *compreensão* das coisas, e o que ali se ensina não é meramente um estudo de ideias ou conceitos e sim um exercício amoroso e inteligente do saber humano (cf. RUBIN, 2008, p. 07). Buscou uma *filosofia concreta*, como assim declarava Gabriel Marcel. E esta concretude se solidifica na união entre a inteligência e o amor. “Entre o amor e a inteligência não pode haver verdadeiro divórcio, senão quando a inteligência se degrada ou - permita-se a expressão - se cerebraliza, e onde o amor se reduz ao apetite carnal” (MARCEL, *Os homens contra o homem*, p. 12).

Tal compreensão das coisas não significa que iremos agora saber o todo dela, mas que apreendemos durante todo o nosso peregrinar terrestre. Com bases na história ocidental,

temos como primeiro pensador, encabeçando a lista de filósofos, Tales de Mileto, que morava em uma ilha pertencente ao Império Grego. Por exemplo, Tales propunha que o princípio de todas as coisas era a água, pois sem ela não viveríamos. Após ele, temos muitos filósofos pré-socráticos, Sócrates, Platão, Aristóteles, o período Helenístico e o fim da Antiguidade com a aparição do cristianismo.

O ‘ideal’ educacional centrava-se na *Paideia*, uma obra que contém um *itinerário ideal* para a formação do homem grego.

Estamos já no horizonte da *paideia*, daquele ideal de formação humana, da “formação de uma humanidade superior” nutrida de cultura e de civilização, que atribui ao homem sobretudo uma identidade cultural e histórica.” Ela não parte do indivíduo, mas da ideia. Acima do homem-rebanho, e do homem pretensamente autônomo, está o homem como ideia”, ou seja, “como imagem universal e exemplar da espécie” (Jaeger) nutrida de história e capaz de realizar os princípios da vida contemplativa (*bios theoretikos*). Esse humanismo (ou *humanitas*) ninguém o possui por natureza, ele é fruto apenas da educação, e é o desafio máximo que alimenta todos os processos de formação (CAMBI, 1999, p. 87).

No cristianismo primitivo e na Idade Média destacamos pensadores como Orígenes, Agostinho de Hipona, Ambrósio de Milão, Boécio, Boaventura, Tomás de Aquino, Anselmo de Cantuária, Hugo de São Vítor, Guilherme de Ockham e tantos outros que marcaram este frutífero período. É mister lembrarmos que no Medievo se desenvolverá uma *paideia cristã*, onde a *educação formativa* do cristão era fundamentada e sustentada por quatro grandes pilares: “[...]os *Evangelhos*, as *Epístolas* de São Paulo, o *Apocalipse* de São João e os *Atos dos Apóstolos*, que cobrem tanto o magistério de Cristo, como o da Igreja apostólica da fase da sua primeira difusão/institucionalização no Mediterrâneo” (CAMBI, 1999, p. 123).

Até aqui, a maioria dos filósofos buscavam a compreensão de Deus, do universo, da alma e de si. Deus aqui entendido como um ser necessário, infinito, uno, perfeito, motor imóvel, demiurgo que da ordem a todas as coisas, aos entes. Passada a Revolução Científica (séc. XVI), e tendo em vista o período Renascentista (fins do séc. XIV e início do séc. XVII), o grande expoente da Filosofia na Idade Moderna foi René Descartes (1596-1650), filósofo francês que contribuiu para a mudança paradigmática da filosofia do Teocentrismo para o Antropocentrismo.

Anterior a ele, a maioria dos filósofos partiam pela busca do conhecimento da natureza tal como ela é. Por exemplo, não se duvidava que uma árvore fosse de fato uma árvore. Com o novo pensamento, podemos nos questionar: será mesmo uma árvore, ou há um *gênio maligno* a me enganar? Antes se afirmava: aquilo é uma coisa. Agora: duvido se tal coisa é isso ou aquilo ou nem isso e muito menos aquilo. Esse problema mais tarde trará

consequências catastróficas: a *dúvida* não é mais *metódica*, e sim *universal*. Se for universal, o conhecer humano não será possível.

O que Descartes pretendia afirmar é o *cogito*, o eu que pensa. Utilizou-se da dúvida como método para se chegar a uma certeza indubitável. Por isso, se penso, eu existo (*cogito, ergo sum*).

Foi um salto quantitativo e qualitativo nas questões epistemológicas, que contribuíram maciçamente para o conhecimento científico. No entanto, ao mesmo tempo em que se fortalecia o campo das ciências positivas, esquecia-se daquele ser misterioso e encarnado, que é o homem. Seus questionamentos fundamentais diluíam-se nas empolgantes descobertas de laboratório². “Enquanto o saber filosófico pergunta **o que é isto**, esses outros saberes perguntam: **que medidas** e que relações de medida *tem isto*”. (RUBIN, 2008, p. 14)

Um dos grandes reformadores da educação moderna foi o francês Jean Jacques Rousseau, com a obra intitulada *Emílio*, além de tantos outros como Montaigne e Comênio. Outro fator determinante no início da modernidade foi a Reforma da Igreja. Ao mesmo tempo desencadeava-se uma Reforma Protestante, sob a tutela de Lutero (1483-1546).

As 95 teses afixadas na igreja de Witemberg em 1517, por Lutero, antigo monge agostiniano, atingirão profundamente as estruturas da fé e da organização da sociedade de sua época. As suas consequências são tão profundas de forma que muitos historiadores colocam a Reforma Protestante como divisor de águas de uma época: Com a Reforma termina a Idade Média e está nascendo a Idade Moderna. A divisão será tão profunda que levará às chamadas guerras de religião. A Reforma Protestante ultrapassa o religioso, abrangendo o político, o econômico e até mesmo o cultural (ROSSATO, 2011, p. 17).

Compete a nós analisarmos alguns fatores sociológicos da educação no período moderno.

1.1 Idade Moderna: mudanças na educação

² Referente a isso, Luiz Jean Lauand, na nota introdutória ao Livro Verdade e Conhecimento de Santo Tomás, dirá: “O homem, diziam os antigos, é fundamentalmente um ser que esquece. Nesta tese, também ela hoje esquecida, convergem profundamente as grandes tradições do pensamento oriental e ocidental. Para os antigos, neste ponto dotados de maior sensibilidade do que nós, era evidente a existência de uma alienante tendência humana para o esquecimento. Naturalmente, não se trata aqui do periférico, mas do essencial, as questões decisivas vão se embotando: Que é ser homem? O que é a verdade e o que ela representa para a vida? Qual o significado da existência?” (AQUINO, Tomás de. Verdade e Conhecimento, in LAUAND, Luiz Jean, Tomás de Aquino: vida e pensamento - estudo introdutório geral (e à questão “Sobre o Verbo”); São Paulo, Martins Fontes: 2002).

Podemos postular alguns fatores sócio-históricos que influenciaram diretamente na maneira de educar o cidadão. Entre as mudanças sociais há a passagem da sociedade *tradicional* - que possuía uma economia simples - para uma *tecnológica* - economia de produção; alta produtividade; no trabalho há setores primário, secundário e terciário; forte elevação das necessidades de consumo -, além da revolução cultural: desmistificação dos conhecimentos, racionalismo exacerbado, fé na ciência e no progresso, valorização da instrução técnica, desmistifica a moral e traz um ar de ‘superioridade’ humana.

Segundo a visão moderna de educação, esta tem o papel de preservar os costumes na transmissão e na tradição da cultura. A educação deve ser pública, determinada pelo governo e ter uma determinada doutrina.

Deve ela ser exercida pelas gerações adultas sobre as que não se encontram amadurecidas para o convívio social. Tem por objetivo o de ensinar o que o governo precisa, ou seja, que adapte o homem de acordo com as necessidades sociais.

Essa educação tem caráter homogeneizador. Por isso, buscou tornar as pessoas ‘semelhantes’, onde se tornam ‘iguais’, especialmente no papel do pensamento estatal. Tem visão *funcionalista*, em que todos têm uma função, assim como cada engrenagem do relógio. O papel da escola seria o de descobrir essa função na criança.

No *funcionalismo*, a sociedade é vista como um relógio que é formado por engrenagens, onde uns não necessitam dos outros para sobreviver. A sociedade funciona assim. Quando uma engrenagem estraga ou falha, a mesma é trocada. Da mesma forma o é com o ser humano que não está apto para exercer uma função operante.

É a educação também um processo de socialização, sendo essa transmissão educacional um meio de unir as gerações. Resumindo, é uma educação funcionalista, laicizada e extremamente pluralista; conservadora e autoritária que visa a formação para a sociedade do Estado ‘perfeito’. Vê-se o estado (social), agora, como fator *essencial*, e não como *relacional*. Com isso, perde-se o sentido humanístico, onde o aluno não é mais o sujeito, mas um objeto de poderio estatal.

Entretanto, deu um sentido de universalização: todos têm o direito de estudar. No entanto, este direito de estudar não pode ser de massificação, pois:

[...] as massas não existem nem se desenvolvem (segundo leis puramente mecânicas) senão à quem do plano onde são possíveis inteligência e amor. Por quê? Porque as massas são humano degradado; são um estado degradado do humano. Nem se creia possível uma educação; é uma contradição nos termos. Só o indivíduo, ou mais exatamente, a pessoa é educável. Fora disto só pode haver adestramento (MARCEL, *Os homens contra o homem*, p.12-13).

Um fator determinante no conceito de ‘massas’ é que ela busca, aparentemente, supor que estaria a caminho da ‘igualdade’. Temos algo de igual à todos? Sim: ser humano racional, todos os humanos naturalmente o são. A ‘massa’ tem como objetivo a desfiguração da subjetividade, onde se perde a identidade pessoal, racional, psíquica e sociocultural. Podemos tirar como exemplo o próprio preparo da massa para um bolo. Ali cada ingrediente dá forma a um ente homogêneo. Assim observamos a ação educacional em seu desvio pedagógico.

2 Educação e Filosofia hoje: Pós-Modernidade

Como dito no início, Antonio Gramsci³ favoreceu de forma negativa a educação brasileira. Envolvido de maneira explícita com partidos políticos, ele foi o articulador na disseminação da ideologia partidária para dentro das universidades, não só no Brasil, mas em todo o mundo. Agregue esse fator à ‘disciplina’ de Filosofia do currículo escolar e veremos as consequências do empobrecimento da mesma, desencadeando-se desde a modernidade.

Uma das primeiras perguntas que sempre tenho feito aos alunos de primeiro ano foi sobre o que entendiam eles a respeito de filosofia. Quase que invariavelmente me respondiam: “A filosofia é o estudo das ideias”. Ou: “A filosofia ocupa-se com os raciocínios”. Ou ainda: “A filosofia ocupa-se com o pensamento” (RUBIN, 2008, p. 42-43).

E conclui:

Há um longo processo histórico que poderia explicar por que tal conceito de filosofia se tornou cultura popular. Não vem ao caso explicá-lo aqui. Basta recordar aos estudiosos que, depois de Descartes, morto em 1650, e, sobretudo, depois de

³ Antonio Gramsci (1891-1937) foi um ideólogo comunista italiano, “do qual a maioria dos brasileiros nunca ouviu falar, e que ademais está morto há mais de meio século, mas que, desde o reino das sombras, dirige em segredo os acontecimentos nesta parte do mundo. (...) Gramsci transformou a estratégia comunista, de um grosso amálgama de retórica e força bruta, numa delicada orquestração de influências sutis, penetrante como a Programação Neurolinguística e mais perigosa, a longo prazo, do que toda a artilharia do Exército Vermelho. Se Lênin foi o teórico do golpe de Estado, ele foi o estrategista da revolução psicológica que deve preceder e aplainar o caminho para o golpe de Estado. (...) A revolução gramsciana está para a revolução leninista assim como a sedução está para o estupro. (...) Para operar essa virada, Gramsci estabeleceu uma distinção, das mais importantes, entre ‘poder’ (ou, como ele prefere chamá-lo, ‘controle’) e ‘hegemonia’. O poder é o domínio sobre o aparelho de Estado, sobre a administração, o exército e a polícia. A hegemonia é o domínio psicológico sobre a multidão. A revolução leninista tomava o poder para estabelecer a hegemonia. O gramscismo conquista a hegemonia para ser levado ao poder suavemente, imperceptivelmente. (...) O governo revolucionário leninista reprime pela violência as ideias adversas. O gramscismo espera chegar ao poder quando já não houver mais ideias adversas no repertório mental do povo. (Olavo de Carvalho, *A nova era e a revolução cultural*, Instituto de Artes Liberais/Stella Caimmy Editora, 1994; disponível no link: <http://www.olavodecarvalho.org/livros/negramsci.htm>. In: CARVALHO, 2014, p. 114-115. Nota 5.

Emmanuel Kant, morto em 1804, a filosofia centrou-se no estudo do pensamento e de sua expressão. Foi, assim, reduzida à lógica e à filosofia da linguagem (RUBIN, 2008, p. 43).

Diante desses agravamentos no processo da redução e enfraquecimento da filosofia, novas teorias surgiram para tentar dar explicações cientificamente satisfatórias sobre a origem do universo. E se há um pensador em que se deva considerá-lo influente no pensamento Ocidental, ele se chama Charles Darwin (1809-1882), com suas duas principais obras: *A Origem das Espécies* e *A Descendência do Homem*.

Antes, a busca sobre ‘que é o homem?’ voltava-se num pressuposto de natureza. E qual pressuposto era mais utilizado e mais satisfatório? O de que o homem ‘é’ um animal racional. Esse ponto de partida, da natureza humana, sempre caminhou unido ao da origem do homem, a qual seria algo muito misteriosa. Darwin inverte: tem como ponto de partida a ‘origem’ e não mais a natureza. Isso fez com que ele concluísse que o homem difere dos demais animais em ‘grau’, e não em ‘tipo’. Portanto, o homem adquiriu a racionalidade com o tempo, e não que esta lhe fosse de sua natureza de ser homem. Diferir em tipo seria afirmar que somente o homem é o único ‘animal racional’ no mundo. E isso de fato é.

Notamos aqui o rompimento com toda filosofia existente de então e de toda a forma de pensar do Ocidente. E isso refletiu de forma significativamente negativa na educação.

As psicologias da educação - muitas delas - tiveram caráter apenas animalesco, com enfoque nos sentidos, na memorização e no condicionamento, aspectos normalmente externos do ser. Tais psicologias apoiaram-se na teoria do *evolucionismo*. As verdadeiras buscaram, além dos aspectos externos, a integração da inteligência, da psique e da razão, ou seja, o interno, o espírito.

Muitos pedagogos brasileiros - tais como Marilena Chauí e Paulo Freire -, consciente ou até mesmo inconscientemente, utilizaram-se desta vertente de pensar, principalmente os que comungam do ideal socialista, fundamento do gramscismo. Acerca disso, as conclusões são desastrosas: os professores não conseguem ensinar-orientar; as crianças não conseguem aprender e muito menos sentem-se motivadas para isso.

A partir dos anos 1980, a elite esquerdista tomou posse da educação pública, aí introduzindo o sistema de alfabetização “socioconstrutivista”, concebido por pedagogos esquerdistas como Emilia Ferrero, Lev Vigotsky e Paulo Freire para implantar na mente infantil as estruturas cognitivas aptas a preparar o desenvolvimento mais ou menos espontâneo de uma cosmovisão socialista, praticamente sem necessidade de “doutrinação” explícita (CARVALHO, 2014, p. 363).

O que se pode evidenciar facilmente nos alunos hoje é, de fato, o aborto da ciência primeira do ser, da essência do homem e das coisas: metafísica. Não se pode esperar algo de praticabilidade externa dela, pois a prática da mesma se desenvolve no interior, na construção da própria identidade pessoal, no autoconhecer-se. Para o que se dá valor hoje são para as coisas materiais, bens de consumo, que realmente são importantes, mas não são essenciais, não ditam a vida do ser humano.

Considerações temporariamente finais

Pensar sobre a educação no Brasil e o ensino de filosofia, de acordo com os fatos destacados, torna-se algo muito difícil. É nesse momento que deve surgir a velha figura do *bom professor*. Não aquele que escolheu ser professor por *status* financeiro, chegando até a tornar-se um PhD com um teor cognitivo incrivelmente superficial, mas por *vocação*.

Vocação vem do verbo latino *voco, vocare*, que quer dizer “chamar”. Quem faz algo por vocação sente que é chamado a isso pela voz de uma entidade superior - Deus, a humanidade, a história, ou, como diria Viktor Frankl, o sentido da vida (CARVALHO, 2014, p. 47).

Não queremos e nem temos o intuito de fazer apologia ao passado. Mas buscamos conscientizar a *pessoa* do professor hoje. Ele é um educador. Educar significa “trazer para fora”. O que trazemos para fora dos nossos alunos? Sentimentos de revolta? Libertinagem? Incapacitação pessoal? O professor tem o direito de ser professor, e o aluno tem o direito de ser aluno. Por isso, o ensino de filosofia é possível, mas requer grande sinceridade consigo mesmo e com os alunos, uma grande disposição espiritual, psíquica e intelectual, que não vise retornos para si, mas para o crescimento do aluno enquanto ser humano.

Mais ainda, a experiência universal dos educadores genuínos prova que o sujeito ativo do processo educacional é o estudante, não o professor, o diretor da escola ou toda a burocracia estatal reunida. Ninguém pode “dar” educação a ninguém. Educação é uma conquista pessoal, e só se obtém quando o impulso para ela é sincero, vem do fundo da alma e não de uma obrigação imposta de fora. Ninguém se educa contra a sua própria vontade, no mínimo porque estudar requer concentração, e pressão de fora é o contrário da concentração. O máximo que um estudante pode receber de fora são os meios e a oportunidade de educar-se. Mas isso não servirá para nada se não estiver motivado a buscar conhecimento. Gritar no ouvido dele que a educação é um direito seu só o impele a cobrar tudo dos outros - do Estado, da sociedade - e nada de si mesmo (CARVALHO, 2014, p. 359).

“Todos desejam, por natureza, conhecer”. O aluno possui em si, essa sede inerente, onde quanto mais se bebe da fonte, continua a querer mais. Mas ele - criança, adolescente, jovem - precisa que alguém o oriente, mostre-lhe o caminho e até mesmo o facilite, que o leve a contemplar a luz, como já dizia Platão no mito da caverna, e que não fique apenas a olhar o seu próprio reflexo, como foi o erro de Narciso.

A filosofia precisa, constantemente, voltar às fontes, ao seu questionamento central e comum a todos: que é o homem? O que é o mundo? Onde viemos? Para aonde vamos? Qual é o sentido da vida? Qual é o princípio das coisas?...

Cabe ao professor de filosofia ter como itinerário pessoal tais indagações, para libertar-se de ideologias e das antifilosofias do nosso tempo. Esta seria também uma proposta pedagógica, sem a ambição de pressupor que todos os docentes de filosofia estejam errados ou ‘amortecidos’ pelas ideologias correntes.

A transmissão de tal itinerário aos estudantes por meio da relação professor/aluno é de extrema importância para o amadurecimento da razão do ser humano.

Razão não é só pensamento lógico: reduzi-la a isso é uma idolatria dos meios acima dos fins, que termina num feitichismo macabro. Razão é o senso da unidade do real, que se traduz na busca da coesão entre experiência e memória, percepções e pensamentos, atos e palavras etc (CARVALHO, 2014, p. 355).

Cabe, também, ao aluno estar disposto a *sofrer* e a se *alegrar* com os estudos. Mas é preciso que ele compreenda que os estudos nos orientam para uma busca mais ordenada da própria vocação. E a primeira grande vocação é a de viver e buscar o próprio sentido da vida. Assim fizeram os filósofos antigos e medievais. Alguns modernos erraram o caminho. Outros pós-modernos tentam reencontrá-lo perguntando aos *mais velhos* (filósofos ‘antigos’) ‘como chegar até lá’. “Querer saber é querer ser filósofo” (RUBIN, 2008, p. 12).

Referências

ADLER, Mortimer J. **Como pensar sobre as grandes ideias**: a partir dos grandes livros da civilização ocidental. Tradução de Rodrigo Mesquita. São Paulo: É Realizações, 2013.

ARISTÓTELES. **Metafísica**: vol. II. Ensaio Introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale; tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2013, 3ª Edição.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota.** Organização de Felipe Moura Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2014, 14ª Edição.

DROGUETT, Juan Guillermo. **Ortega y Gasset:** Uma crítica da razão pedagógica. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

HENZ, Hubert. **Manual de pedagogia sistemática.** São Paulo: Herder, 1970.

MARCEL, Gabriel. **Os homens contra o homem.** Porto: Ed. Educação Nacional, [s.d.].

RUBIN, Achylle Alexio. **Também você é filósofo.** Santa Maria: Pallotti, 2002.